



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)
ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**TODA CAROLINA É UM ATO DE AUTO:
INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA OBRA DE CAROLINA
MARIA DE JESUS**

RAQUEL SANTOS SOUZA

**FOZ DO IGUÇU
2019**



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

TODA CAROLINA É UM ATO DE AUTO:

INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE OBRA DE CAROLINA

MARIA DE JESUS

RAQUEL SANTOS SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto
Latino-Americano de Arte, Cultura e
História da Universidade Federal da
Integração Latino-Americana, como
requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Antropologia –
Diversidade Cultural
Latino-Americana. Orientadora: Prof.
Dra. Senilde Alcântara Guanaes

**FOZ DO IGUAÇU
2019**

RAQUEL SANTOS SOUZA

**TODA CAROLINA É UM ATO DE AUTO: INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E
CLASSE NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao
Instituto Latino-Americano de
Arte, Cultura e História da
Universidade Federal da
Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à
obtenção do título de
Bacharel em Antropologia –
Diversidade Cultural
Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Senilde Alcântara
Guanaes
(UNILA)

Prof. M.^a Livia Fernanda Morales
(UNILA)

Prof. Dra. Jacqueline da Silva Costa
(UNILAB)

Foz do Iguaçu, 11, de Dezembro de 2019.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do auto(a): Raquel Santos Souza

Curso: Antropologia: Diversidade Cultural Latino-Americana

	Tipo de Documento
(x) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(x) monografia (.....) dissertação (.....) tese
(.....) doutorado	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais (.....)

Título do trabalho acadêmico: **TODA CAROLINA É UM ATO DE AUTO:**
INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA OBRA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS

Nome da orientadora: Prof. Dra. Senilde Alcântara Guanaes

Data da Defesa: 11/12/2019

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino- Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública [Creative Commons Licença 3.0 Unported](#).

Foz do Iguaçu 11 de Dezembro de 2019

Assinatura do Responsável

Inspirado na biografia de Carolina Maria de Jesus este texto está dedicado às mulheres negras de periferia que combatem o racismo, o sexismo e o classismo; sem desistir de seus sonhos. Está dedicado àquelas cuja a trajetória ainda é resultado de atos de auto (auto financiamento, autobiografias, autodeterminismo). Porque não desistimos de nós, em nossos atos de 'auto' nós dignificamos. Porque ser o ponto de partida da própria escrita é ato político.

AGRADECIMENTOS

À maravilhosa Maricélia da Costa por me mostrar formas de enfrentamento dos meus medos em um mundo cheio deles. Te Amo Mãe. Ao meu pai Sebastião Ribeiro, que mesmo entre divergências não cessa de me amparar. À Inês Periquito que me ensinou a acolher as minhas vulnerabilidades para nunca me sujeitar a elas. Vó, te amo na ternura que te domina. À Cláudia Santos por me constranger a aceitar a potência que eu me tornei. À orientadora Senilde Guanaes por aceitar direcionar este trabalho. À banca, Livia Morales e Jacqueline Costa pelas oportunas correções. À Vera Eunice que acolheu e contribuiu muito à realização deste trabalho. À Jacqueline Costa que ao se movimentar, movimenta toda estrutura de novas intelectuais negra. Ao carinho e afeto despendido durante toda a minha estadia em Redenção e fora dela. À Angélica Pereira por me fazer ouvir as vozes do 'feminismo periférico', esse trabalho tem pouco de mim e muito de nós. Axs amadxs Gerson Galo, Fagner Pimentel, Cíntia e Koli pela constância. Ao amigo Robson Gibim, que eu nem sei bem como agradecer pelo tanto que me ajudou. Gratidão Robson. Às mulheres Itaneêm Celeste, João Ricardo; Joelma Brito, Poliana Jardim, Rayane Guimarães, Ane Hericks, Liliane Martins, Valéria Quijosaca, Juliana Zacarias, Laís Cabral, Mel, Janaína Santana; vocês não sabem a dimensão do meu amor por vocês. Ao Boe (Cauê Galvão) que mesmo distante, não cessa de se fazer afeto. Celebremos essa amizade que brota em todas as direções, sem um começo e, portanto, sem um fim. Se cuida boe. Ao coletivo de LAMC- Teatro y Fronteira por me acolherem. Axs membrxs e responsáveis pelo projeto de Extensão Teatro Musical (UNILA) por me desafiarem a deixar as caixas. Por último, à cia de capoeiristas que me ensinaram a me entregar à arte da ginga, e, a fazer dela minha principal defesa: Natalia Cabanillas, Dani Guerra, Sávio, Mestre Cobra Mansa; Instrutor Rato, Carla, Thierry, Bugão, Cintia e Hugo. A oportunidade de conhecer vocês fez de mim quem sou. Muito obrigada por acreditarem...

*“O trocadilho fez de uma tal maneira, que quanto menos a pessoa tem mais eles menosprezam, mais eles jogam fora”.
(Estamira, 2004)*

*“Não digam que fui rebotinho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida. Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora, mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora”.
Carolina Maria de Jesus*

“O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper! (Audre Lord)

SOUZA, Raquel Santos. **Toda Carolina é um ato de auto:** Intersecções De Gênero, Raça E Classe Na Vida E Obra De Carolina Maria De Jesus. 55 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso Antropologia: Diversidade Cultural Latino-Americana – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

RESUMO

Este estudo analisa a trajetória de Carolina Maria de Jesus como intelectual negra e de periferia à luz dos escritos auto etnográficos produzidos durante as décadas de 60-70 na Favela do Canindé-SP e, do testemunho de Vera Eunice, sua filha caçula. Através de sua escrita de Carolina denuncia a marginalização e a precariedade da vida dos moradores dessa periferia localizada próxima às margens do Rio Tietê. Para tanto, este texto se apoia em conceitos, tais como etnografia e interseccionalidade para analisar as condições sob as quais Carolina Maria de Jesus escrevia suas obras. Carolina Maria de Jesus impressiona pela resistência de seguir escrevendo mesmo em escassez de condições socioeconômicas que a privaram de tempo e recursos. Este texto conta com os relatos de Vera Eunice sobre a trajetória insubmissa e resiliente de Carolina de Jesus.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Auto etnografia; Carolina de Jesus; Resistência; Favela.

SOUZA, Raquel Santos. **Intelectuales negras y periféricas: intersecciones de género, raza y clase en la vida y obra de Carolina Maria De Jesus**. 55 páginas. Documento Final Antropología: Diversidad Cultural Latinoamericana - Universidad Federal de Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2019.

RESUMEN

Este estudio analiza la trayectoria de Carolina María de Jesús como intelectual negra y periférica a la luz de los escritos autoetnográficos producidos durante los años 60-70 en Canindé Favela, y el testimonio de Vera Eunice, su hija menor. La escritura de Carolina es responsable de denunciar la marginación de los espacios y la precariedad de la vida de los residentes de las afueras de la ciudad de São Paulo durante la urbanización espacial. Por lo tanto, este texto se basa en conceptos como la autoetnografía y la interseccionalidad para analizar las condiciones bajo las cuales Carolina Maria de Jesus escribió sus trabajos. Como intelectual, madre y trabajadora informal abierta, Carolina María de Jesús se siente impactada por la resistencia de la escritura, incluso cuando las condiciones socioeconómicas la han privado de tiempo y recursos. En los relatos de Vera Eunice, Carolina es principalmente la madre que no es sumisa mas que sueña que sus escritos sean eternos.

Palabras clave: Interseccionalidad; Autoetnografía; Carolina de Jesus; Resistencia; Favela

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Diário de Campo - JUN de 2019- Raquel Souza e Vera Eunice- Praça da Alimentação Shopping Villa Lobos 46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Gráfico 1- Carolina Maria de Jesus 28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ILAACH Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História UNILA
Universidade Federal da Integração Latino-Americana

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PALAVRAS INICIAIS	20
1.1.1 <i>Bitita e intersecções</i>	26
2- PARADOXOS DA URBANIZAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES VERSUS A FOME DAS FAVELAS.	33
2.1 AUTOETNOGRAFIA PROJETO POLÍTICO DE (RE)EXISTÊNCIA	33
2.2 <i>Favela Do Canindé: Um Projeto Político De Exclusão</i>	36
2.2.1 A História de Vida de Vera Eunice e narrativa da trajetória intelectual de Carolina de Jesus	40
CONSIDERAÇÕES	44
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE	51
APÊNDICE 1 – Fotografia 1– Diário de Campo- Junho de 2019- Raquel Souza e Vera Eunice de Jesus Lima - Praça da Alimentação Shopping Villa Lobo	
52	
ANEXO	
ANEXO 1 – Entrevistas	53

1 INTRODUÇÃO

Este estudo propõe analisar a trajetória da escritora Maria Carolina de Jesus como intelectual negra à luz de suas principais obras e do testemunho de sua filha Vera Eunice no período que compreende as décadas de 60-70. Carolina de Jesus fez da sua escrita o local de denúncia das exclusões, do abandono afetivo que a tornou mãe solo de três filhos e o descaso estatal por pertencer a parcela preterida socialmente: mulheres negras de periferia.

Ao longo das obras, Carolina Maria de Jesus desmascara as faces do progresso, ao desvelar o desamparo social e as precariedades da vida na favela do Canindé em São Paulo. Bem como, a autora falava das cobranças cotidianas, da ausência de oportunidades às mulheres negras de periferia. Dentre os objetivos deste texto destacamos, a produção escrita de Carolina de Jesus como material de análise para pensar a urbanização na cidade de São Paulo.

Para tanto, nos utilizamos aqui de dois livros da autora: *Diário de Birita (1989)* e *Quarto do despejo: Diário de uma favelada (1960)*, bem como, e material resultado da pesquisa de campo, durante os encontros com a filha caçula de Carolina de Jesus, Vera Eunice. Os depoimentos foram coletados em Junho de 2019 em diferentes locais da grande São Paulo.

De modo que partimos da autobiografia de Carolina de Jesus e dos relatos de sua filha Vera Eunice para sugerir que a trajetória da autora é o resultado de seus muitos 'atos de auto', do que do reconhecimento tardio nas principais mídias paulistas. A autora sustentava os filhos com o que ganhava como coletora de embalagens recicláveis na cidade de São Paulo.

Seus textos mostram as estratégias diárias que Carolina de Jesus criava para 'disfarçar' a fome do próprio corpo e a fome dos filhos. Carolina de Jesus dedica muito espaço dentro de sua literatura para falar da fome física, fome essa, que frequentemente sente. Fome, fome, fome, fome e fome. A mais pura ausência de matéria que sustenta o corpo.

Todavia, Carolina de Jesus seguia diariamente alimentando seu sonho de ser escritora. Segundo Vera Eunice (2019) era no silêncio da madrugada principalmente depois de haver alimentado que Carolina de Jesus escrevia. A obra de Carolina de

Jesus hoje é reconhecida nacionalmente e internacionalmente, com publicações em 14 línguas.

Em sua homenagem foram “nomeadas bibliotecas, ruas, avenidas, e até no teatro; todas querem ser Carolina” diz Vera Eunice (2019). Carolina de Jesus foi uma importante intelectual negra. A poeta negra estadunidense Gloria Jean Watkins, que atende no pseudônimo de bell hooks considera ser intelectual alguém que transgride “fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo.

Intelectual é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla (hooks, 1995 p.467)”. Antes de abordar as condições nas periferias de São Paulo nas décadas de 1950-1960, através da auto etnografia de Carolina de Jesus na Favela do Canindé, refletimos sobre as ‘origens’ dos sujeitos expostos à miséria. Para tanto, sugerimos que as organizações sociais na América são resultados consequentes do regime colonial ibérico do século XVI vivido nas antigas colônias americanas.

Aníbal Quijano (2005) considera que a exclusão social atual de determinados sujeitos (negros/as; indígenas; mulheres) se deu em virtude da colonização Ibérica nos territórios americanos, e se institucionaliza a partir do próprio aparato legal de poder. Para Quijano (2005 p. 778-779):

La formación de relaciones sociales fundadas en dicha idea produjo en América identidades sociales históricamente nuevas: indios, negros y mestizos, y redefinió otras. (...) Y en la medida en que las relaciones sociales que estaban configurándose eran relaciones de dominación, tales identidades fueron asociadas a las jerarquías, lugares y roles sociales correspondientes, como constitutivas de ellas y, en consecuencia, al patrón de dominación colonial que se imponía. En otros términos, raza e identidad racial fueron establecidas como instrumentos de clasificación social básica de la población.

De modo que a ‘raça’, aqui usada enquanto categoria análitica, se tornou o parâmetro de classificação social dos sujeitos durante a instauração dos Estados modernos. Segundo Rita Segato (2005) a ‘raça’ foi assimilada como signo, e signo é algo visível, o qual, os sujeitos afetados pouco podem esconder. Logo, todos os

sujeitos não portadores dos signos/fenótipos dos colonizadores ibéricos estariam passíveis de serem colonizados, e, conseqüentemente, subordinados.

Poucos teóricos sociais analisaram o impacto da construção de 'raça' durante a hierarquização das relações interpessoais nas relações laborais. Assim, os estudos associados às opressões frequentemente são trabalhados como problemáticas do desenvolvimento econômico. Ou como conseqüências diretas do capitalismo.

Contudo, tais relações transcendem

as relações econômicas e inclui relações raciais, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas, pedagógicas, epistemológicas, todas articuladas em uma matriz de poder colonial que estabelece a superioridade biológica e/ou cultural das populações de origem europeias construídas como "ocidentais", sobre as populações não europeias construídas como "não ocidentais". (GROSFUGUEL, 2012, P. 341)

Observamos que paralelamente a essa hierarquia racial somam-se outras categorias como as de gênero, religiosas e linguísticas. Isso também está pautado pela filósofa indiana Gayatri Spivak (2010), para quem, essa dominação determina quais são os sujeitos que podem 'falar' no rol dos sujeitos de direitos nas sociedades modernas.

Para Spivak (2010 p.29) nem mesmo as tradições pós-modernista, a exemplo dos trabalhos de Michel Foucault e Gilles Deleuze deixaram de ter no Ocidente o Sujeito discursivo. Parte disso é acentuada pela violência epistêmica que condiz com a construção do sujeito colonial com 'outro' e, portanto, obliterado dentro do discurso (SPIVAK, 2010 , P. 24).

Nesse sentido, a partir do pensamento de Kimberlé Crenshaw (2017), podemos observar que quanto mais vias de intersecções que discriminam um sujeito dito subordinado apresenta; menor é o seu poder de articulação na sociedade a qual pertence. Para Spivak (2010 P. 67) , "Se, no contexto da produção colonial, o sujeito

subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”.

Para Chandra Mohanthy (2008), isso recai principalmente sobre as mulheres não brancas e/ou não pertencente à determinadas classes/castas dominantes. Como resultado, essas mulheres estão duplamente apagadas no interior das narrativas oficiais e invisibilizadas dos processos históricos do qual elas mesmo são protagonistas (Spivak, 2010; Scott, 2012).

Esse trabalho é relevante à medida que visa repensar as representações discursivas das mulheres silenciadas nos países do Hemisfério Sul, em sociedade colonizadas, onde linguagem utilizada é principalmente como recurso do discurso masculino (Anzaldúa, 2000).

Isso porque a linguagem acaba por fazer-se um ‘repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos’ (Adichie, 2017 p.35). Nesse sentido, a História de Vida aparece como instrumento metodológico deste trabalho através da exposição da visão das mulheres, até então, silenciadas nas representações discursivas (Behar, 1990).

O interesse por estudar a trajetória da escritora Carolina Maria a partir da História de Vida contada por Vera Eunice surgiu após a leitura das obras *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami* (2015) de David Kopenawa e Albert Bruce; *Rage and Redemption: Reading the life Story of a Mexican Marketing Woman*.(1990) de Ruth Behar.

O relato de David Kopenawa, xamã yanomami, é transcrito pelo antropólogo Bruce Albert, que diz assumir um ‘pacto etnográfico’ com os yanomami. De acordo com Bruce Albert (2015) a participação social do pesquisador em campo se tornou quase uma condição indispensável à execução de seu trabalho.

No relato Davi Kopenawa remonta aspectos cruciais do mundo espiritual e da vida terrena do povo que integra. Segundo David Kopenawa, os Yanomami brasileiros acreditam que o mundo possa desaparecer se novamente o céu vir a cair, como foi no passado, resultado da maneira destrutiva como os seres humanos se relacionam com a natureza. Isso porque para David Kopenawa, “a vida na floresta

não é fruto do nada (os brancos) devem pensar que o seu chão e suas montanhas não estão ali à toa” (Kopenawa; Albert, 2015 p.120).

A proposta da escrita articulada pelo antropólogo Albert (2012 p. 129) parte da emergência do movimento étnico no contexto da produção etnográfica. De modo que o trabalho de campo nos moldes malinowskiano, certas vezes, não correspondem às demandas das comunidades analisadas, algo que acaba por exigir que o/a pesquisador (a) em campo adote outra postura, que não mais apenas a observação-participante.

A obra da antropóloga Ruth Behar (1990) aponta a importância da visão das mulheres ‘womens view’ no cenário de produções literárias sobre mulheres. De acordo com Behar (1990), as representações existentes e feitas por mulheres ocidentais reforçam uma imagem distorcida das mulheres ‘terceiro mundistas’.

Segundo Behar (1990), as mulheres do Sul acabam representadas como mulheres e mães submissas, menos educadas, e, principalmente, não modernas quando comparadas às mulheres ocidentais. Nesse sentido, esse texto *Toda Carolina é um ato de auto: Intersecções de gênero, raça e classe na obra de Carolina Maria de Jesus é reflexo da necessidade da produção de textos sobre mulheres negras sendo relatadas e representadas por mulheres negras.*

As produções de Carolina de Jesus remetem à emergência de um debate sobre gênero que ultrapasse as correlações entre ‘gênero e submissão ou família nuclear patriarcal’ (categorias estruturantes do feminismo da década de 60), usadas deliberadamente pelas feministas ocidentais sem refletir sobre as especificidades de outras mulheres (Oyèrónké, 2004). Das perguntas que norteiam este texto destacamos:

1- Como a obra de Carolina Maria de Jesus pode ser usada para retratar os processos de exclusão das/os negras/os na cidade de São Paulo nas décadas de 1960-1970?

2- Como a literatura de Carolina Maria de Jesus pode ser vista como material propulsor de luta por igualdade de gênero e racial?

De modo, que este trabalho se insere nos estudos antropológicos que projetam no campo etnográfico não apenas a localidade dos ‘sujeitos da pesquisa’, mas o local de pacto dos envolvidos durante a pesquisa (Bruce, 2012). Com isso, visa-se a desnaturalização da pouca representatividade das mulheres negras por outras mulheres negras nos centros acadêmico (Behar, 2010).

Tendo dito isso, este texto se divide em duas partes:

A primeira parte consiste na *Introdução*, ora relatada, onde apresentamos o tema analisado contendo aspectos gerais da temática, justificativas, objetivos e procedimentos metodológicos que subsidiaram o desenvolvimento dessa pesquisa.

Sequenciado por *Palavras Iniciais*, aqui discorremos acerca das razões que nos motivaram a escrever sobre a trajetória da intelectual, Carolina Maria de Jesus e seus variados atos de autos inventados diariamente para resistir. O texto intercala o uso de fontes escritas com as transcrições das conversas com Vera Eunice, a filha caçula de Carolina.

As entrevistas aconteceram em diferentes dias e locais no mês de Junho de 2019 no local de trabalho de Vera Eunice de Jesus na Zona Sul da cidade de São Paulo e em outras partes da grande metrópole.

No primeiro momento as conversas foram conduzidas a partir de perguntas semi-abertas. As perguntas eram sobre temas gerais da vida de Vera Eunice que se conectam com a trajetória intelectual de sua mãe, principalmente, quanto dizia respeito a descrição dos momentos e dos locais da escrita de Carolina. Durante as primeiras conversas tentamos manter um registro de eventos a partir das décadas.

Contudo, ao longo do trabalho de campo percebemos a necessidade de focar nos acontecimentos marcados por fases como: os primeiros anos, a adolescência, carreira etc. Os relatos de Vera Eunice podem ser lidos na íntegra ao final do texto pois estão dispostos em forma de anexos.

Na segunda parte do texto, em *Paradoxos Da Urbanização: Progresso Versus Fome*, colocamos ênfase nos registros auto etnográficos de Carolina de Jesus.

Nesses relatos a autora fala sobre as consequências da urbanização na capital e as implicações de ser mãe-solo¹ em tais circunstâncias.

Abordamos a partir de seus escritos o cenário de escassez dos moradores da periferia, a falta de água encanada e de rede de esgoto; como também a rápida proliferação de edificações irregulares. De modo que nos propomos a refletir sobre as dimensões políticas da obra de Carolina de Jesus.

Observamos também o impacto que a escrita da autora mulheres exerce ao se manifestam para denunciar a realidade de milhares de mulheres negras interseccionadas por variados eixos que as discriminam e se sobrepõem. Posteriormente, direcionamos este texto as considerações finais de modo a oferecer uma síntese dos principais temas trabalhados ao longo do texto.

¹ O termo mãe-solo tem sido usado nas redes virtuais com o objetivo de substituir o termo mãe-solteira, por considerar que esta seja uma expressão machista e pejorativa.

1.1 **PALAVRAS INICIAIS**

Vejo-me conectadas às demais mulheres negras no desafio de ressignificação de nossas experiências enquanto intelectuais em movimento. Processo esse, que pode vir acolhido por uma escrita a partir de si, o que nos remete quase sempre a um contexto íntimo de afetos e memórias.

Particularmente, as memórias recordadas são as de meu pai escrevendo seus sermões de domingo e as de minha mãe treinando sua escrita e leitura para o término do Ensino de Jovens e Adultos (EJA).

Meu pai Sebastião Ribeiro, torneiro mecânico de profissão; ainda hoje escreve seus sermões em letra cursiva, mas de um modo mais vagaroso por causa de problemas na visão. Ao escrever meu pai demonstrava-se confiante, algo que sugeria o domínio do conteúdo e da linguagem que estava sendo usada.

Ao passo que, a escrita de minha mãe, Maricélia da Costa, auxiliar de serviços gerais; era um tanto vagarosa e trêmula porém muito cuidadosa e detalhista. Me recordo de haver ter sido parte do processo escolar de minha mãe.

Esse fato, me remete ao testemunho de Vera Eunice (2019), quando esta explica que sua primeira aluna foi sua mãe, Carolina de Jesus. Segundo Eunice (2019), diz que sempre acabava por ajudar a mãe na conjugação correta dos verbos e ortografia durante a fala e escrita dos livros.

Hoje em pleno movimento de escrita vejo me conectada a tais recordações. De modo, a buscar a confiança e fluidez de meu pai sem esquecer o cuidado de expressão de minha mãe. De modo, que escrever tem sido um ato de autopercepção e de enfrentamentos, ou nas palavras de Audre Lord uma forma de romper do silêncio.

Ainda sobre meus pais, mesmo que ambos tivessem interrompidos os seus estudos para ajudar no sustento da família na adolescência, minha mãe se viu ainda mais prejudicada do que meu pai, o que fez com que ela concluísse o Ensino Médio apenas após o nascimento de minha irmã caçula.

Hoje, vejo isso, como reflexo da discriminação oriunda de tantos eixos que interseccionam minha mãe: raça, gênero, maternidade, 'papéis de gênero', classe e religião. Entre os anos de 1998-2000, eu observava o meu pai atento aos seus estudos e a aversão de minha mãe as atividades que envolviam cálculos.

Após o nascimento de irmã, minha mãe ficou ainda mais atarefada, e eu também. Aos dez anos eu a ajudava no cuidado da bebe. Enquanto minha mãe conciliava a jornada laboral com o término de seus estudos no Ensino Médio. Um pouco depois meu pai iniciava seus estudos no curso em Teologia no Seminário Batista

Submersa na rotina de trabalho, casa, filhos, formação, e o diaconato minha mãe concluiu o Ensino Médio. No ano seguinte meu pai concluía o curso superior de Bacharel em Teologia. Após anos de sujeição aos dogmas religiosos e patriarcais, percebo o quanto o capitalismo-cristão (Weber, 2005), exige obediência e submissão das mulheres para sua consolidação.

Em 2014 eu comunicava a minha mãe sobre meu aceite no SISU e o ingresso na Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), o apoio de minha mãe e a recusa de meu pai desde o princípio estreitaram ainda mais as relações de dominação masculina em meu lar.

Os anos se passaram mas não as dificuldades iniciais na acadêmia. As cobranças acadêmicas e familiares se mesclavam com as autocobranças. E, por mais diversificado que o projeto da UNILA se mostrasse, essa ainda era uma esfera gestionada por uma pequena elite.

E, como bem escreve Grada Kilomba (2019) o centro acadêmico não é um local neutro,

Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado a pessoas negras. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas/os brancas/os tem desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a/o "Outras/os" inferior, colocando africanas/os em subordinação absoluta ao sujeito branco. (Kilomba, 2019 p.50)

Pensamos que isso acontece porque ainda não temos a tão esperada titulação, mero engano, porque mesmo na condição de portadoras de diploma, a estrutura racista que se formou, não nos respeita. Durante esses anos, o que mais

escuto é o relato de profissionais negras que são desrespeitadas nas salas de aula, no colegiado dos cursos; sempre e quando se posicionam.

Mesmo ocupando maioria considerável nos cargos de gestão pública, e administrativas nas esferas institucionais nacionais, a branquitude vale-se do racismo sempre e quando se sente ameaçada quando os/as negros/as chegam a gestão de um setor ou grupo.

Para o historiador Lourenço Cardoso (2010 p. 610-611) “à identidade racial branca, a branquitude se constrói e reconstrói histórica e socialmente ao receber influência do cenário local e global”. Segundo ele, sobre as teorias da branquitude, acredita-se que “O principal aspecto em comum, diz respeito ao privilégio que o grupo branco obtém em uma sociedade racista, tanto no contexto local quanto no global (Cardoso, 2010 p. 613).

A universidade para mulheres negras é outro lugar onde precisamos buscar vias de (re) existir a todo momento. Diariamente, nos deparamos com as mazelas dos atos de racismo e sexismo; onde raras vezes conseguimos a devida atenção administrativa diante das denúncias ou punição dos culpados.

Outra problemática repousa sobre nossos projetos e por mais interessantes que sejam nossas produções, “essas são recebidas com desconfianças e muitas vezes classificadas como ‘acientíficas’, ou demasiadamente ‘subjetiva’” (Kilomba, 2019 p.51). De acordo com Grada Kilomba (2019 p.51), tais argumentos são respostas racistas que “funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos”.

A inevitabilidade do ingresso e a circulação, cada vez maiores, dos sujeitos tido por ‘outros’ dentro das universidades; fez com que essa instituição buscassem novas estratégias silenciamento, e a todo momento precisamos romper o ciclo de silenciamento que retira de nós a propriedade sob as palavras seja na oralidade ou na escrita .

Segundo Glória Anzaldúa (2000 p.01), “Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles”, e, muitas vezes, de fato, sentimos que ao escrever nós nos deparamos com muitos obstáculos aterrorizantes: preconceitos, as incertezas e os medos.

bell hooks diria que "Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar" (2017, p. 3) E, diretamente, nos mulheres negras nos vemos obrigadas a confrontar as estruturas de pensamento aparentemente invisíveis mas que controlam todas as estruturas visíveis (Santos, 2005).

A escrita de Carolina de Jesus é marcada por um desvelar das cruzeiras oriundas do progresso. Cruzeira essa, que esconde a face da fome e marginaliza o sujeito, ao passo que empurra esses corpos para os espaços dormitórios. A autora desde a periferia fala dos abusos do centro, da vida de escassez desses espaços, da violência contra os corpos.

Segundo Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982), a condição nas favelas acabou por gerar uma situação análoga a vida dos escravizados/as nas senzalas durante o período colonial. Condição essa que resulta na objetificação dos corpos favelados, que são diretamente dirigidos à vida nas fábricas.

A situação das mulheres negras é ainda mais cruel, porque essas veem como hiperssexualizadas e dessensibilizadas, confinadas às cozinhas da antiga fazenda ou aos desejos de todos os homens (brancos e negros). Consequentemente, as principais instituições ocidentais (escolas, hospitais, serviços militares) acabam refletindo simultaneamente valores que reforçam a dominação racial, sexista e cristã (Davis, 2016).

Segundo o 'Dossiê Mulher RJ (ISP, 2015)', às mulheres negras são

"58,86% das mulheres vítimas de violência doméstica. 53,6% das vítimas de mortalidade materna. 65,9% das vítimas de violência obstétrica. 68,8% das mulheres mortas por agressão. Duas vezes mais chances de serem assassinadas que as brancas. Entre 2003 e 2013, houve uma queda de 9,8% no total de homicídios de mulheres brancas, enquanto os homicídios de negras aumentaram 54,2%"²

Tais organizações não demonstram problemas quando a 'carne negra'³ vai parar de baixo do plástico morta, no subemprego ou são corpos passivos de violação. Contudo, existem problemas quando você, na qualidade de sujeito

² Disponível em: Créditos: Luciana Araujo/Agência Patrícia Galvão

subalterno⁴ perante a estrutura social se recusa a aceitar os papéis raciais e de gêneros estipulados durante o colonialismo. Outras barreiras também se mostram:

“A socialização sexista inicial que ensina as negras mulheres que o trabalho mental tem de ser sempre secundária aos afazeres domésticas ao cuidado dos filhos ou a um monte de outras atividades servis tornou difícil para elas fazer do trabalho intelectual uma prioridade essencial mesmo quando suas circunstâncias sociais ofereciam de fato recompensas por essa atividade. (HOOKS 1995, p. 469)

Quando se é mãe-solo e exposta ao subemprego isso se torna mais grave porque sua prioridade não é apenas alimentar a si mas aos filhos, como no caso de Carolina de Jesus que de acordo com Vera Eunice:

Passava a semana ela vinha, vinha com comida, com vassoura.. Até vassoura para varrer casa ela trazia. Era uma alegria. Era bem pretinha. A gente olhava assim no ônibus ela em pé. Para nós era uma alegria. Daí ela falava que daquele jeito ela tinha paz para escrever. Quando ela vinha com comida para casa, ai como ela falava tinha tranquilidade mental para poder escrever. Então era deitada debaixo das árvores e ali ela escrevia. Aí era onde viam os romances os provérbios, os poemas, peças teatrais, novelas. Tudo ela escrevia. Ela escrevia de tudo.

Não obstante a isso, também precisamos “lutar contra aqueles estereótipos racistas/sexistas que o tempo todo levam outros (e até nós mesmas) a questionar se somos ou não competentes se somos capazes de excelência intelectual” (bell hooks, 1995 p.472).

Romper com tais naturalizações implica um processo de raiva e dor. Segundo Kilomba (2019) citando bell hooks (1999 p.148), isso se deve ao fato, de tais posições se esforçam por seguir produzindo “lembretes dos lugares onde mal podemos entrar dos lugares nos quais dificilmente “chegamos” ou não ‘podemos ficar”.

Onde “dificilmente chegamos ou podemos ficar”; descreve a trajetória de muitos de nós negras/os de periferia que ingressam no Ensino Superior na contramão do sistema. Nas salas de aulas discute-se sobre as dimensões dos eixos

³ Aqui trazemos uma referência a música ‘A carne negra’ interpretada por Elza Soares. Elza Soares, mulher negra de periferia, que até o presente momento se mostra enfática na luta contra o racismo, o sexismo e o classismo.

⁴ A expressão ‘sujeito subalterno’ é usada aqui como forma de referenciar o trabalho da indiana Gayatri Spivak (2008), intelectual que tem usado de sua posição para denunciar os privilégios e a opressão causada pelas divisões de castas e gênero na Índia.

que discriminam indivíduos historicamente marginalizados, ao passo que burocraticamente e gradualmente esse espaço nos expõe por não assegurar nossa permanência.

A nossa permanência aqui se torna o resultado dos atos de auto, e constantemente precisamos “ser capazes de afirmar que o trabalho que fazemos é valioso mesmo que não seja julgado assim dentro de estruturas socialmente legitimadas” (KILOMBA 2019 apud hooks 1995, p. 474).

De modo que falar dos atos de auto da escritora Carolina de Jesus é refletir sobre os atos de autos de todas as mulheres negras que se recusam a permanecer nas cozinhas coloniais, ou presa aos encantamentos da realidade cristã e capitalista. Escrever sobre Toda Carolina ser um ato de auto, é se posicionar, também, enquanto sujeito- autora.

1.1.1 Bitita e intersecções

A biografia de Carolina de Jesus se assemelha a de outras mulheres negras no Brasil, no tocante a criação solitária dos filhos, o abandono afetivo dos parceiros, e o ingresso precoce no subemprego. Carolina de Jesus nasceu em Sacramento, cidade de Minas Gerais em 1914.

A obra que melhor conta sua biografia é seu próprio livro o 'Diário de Bitita'; livro este que a autora conta sobre as aventuras e constatações ainda na infância. Na infância Carolina de Jesus era chamada de Bitita. No texto a autora diz que mesmo na infância já era dotada de grande insurgência.

Após a morte de sua mãe em finais da década de 1960, a autora migrar definitivamente para São Paulo, onde vivia às margens do Rio Tietê. Carolina de Jesus tratou de instalar-se no espaço conhecido como Favela do Canindé. A autora sempre orgulhou de cuidar dos filhos sem precisar mendigar o pão à igreja, ou mesmo sofrer na mão de homem algum (DE JESUS, 1960 p.14)

Isso porque a tripla jornada das mulheres periféricas segue acompanhada do abandono afetivo de uma sociedade patriarcal que desculpou o pai ausente e violento. Segundo Djamila Ribeiro,

“Desde muito cedo somos ensinadas que devemos ser mães (...) mas mãe é um ser humano, e não alguém com super poderes. Por trás de uma mãe que aguenta tudo há uma mulher que desistiu de muita coisa, e um pai ausente desculpado pelo patriarcado” (DJAMILA , 2018, P. .87).

Carolina de Jesus foi mãe-solo de seus três filhos: Vera Eunice, João José e José Carlos e os mantinha com os seus esforços diários de coletora de recicláveis. Segundo Vera Eunice (2019), as dificuldades da vida; fizeram de sua mãe, uma pessoa de constantes variações de humor:

Minha mãe era muito assim, difícil de lidar. Ela não aceitava muito que você falasse as coisas. O humor da minha mãe ia do céu ao inferno. No instante que ela estava feliz ela já se estressava. Hoje eu percebo que aquilo era reflexo da realidade que ela vivia com três filhos, ser mãe solteira. Naquela época nós só pensávamos em comida. A preocupação de alimentar os filhos.

A fala de Vera Eunice retoma muito do desespero descrito pela própria mãe, a ausência do alimento na mesa e no corpo. Os textos de Carolina de Jesus retomam um problema estrutural do Brasil e do mundo das décadas de 60 e 70, que se prolonga ao longo dos séculos e se agrava em momentos de crises mundiais que é a fome. De acordo com Josué de Castro (1984 P.30):

Trata-se de um silêncio premeditado pela própria alma da cultura: foram os interesses e os preconceitos de ordem moral e de ordem política e econômica de nossa chamada civilização ocidental que tornaram a fome um tema proibido, ou pelo menos pouco aconselhável de ser abordado publicamente.

É, da fome da vida de milhares, e da fome dos favelados no Brasil que falavam, simultaneamente, Josué e Carolina; que atingia as classes mais baixas. Carolina Maria de Jesus denunciava uma favela de fome, um vida de fome. Josué de Castro chegou a mapear as regiões no Brasil e em outras partes do mundo que eram mais severamente atingidas.

Josué de Castro (1984 P. 43), utilizando-se do estudo de George Soule, David Efron e Norman T. Ness publicado no seu livro *Latin America in The Future World* (1945) informa que quase dois terços das populações latino americanas apresentavam um quadro de subnutrição e contavam com 20 a 60% de analfabetos. Sendo que quase metade da população do continente americano sofria de doenças infecciosas ou carenciais.

O estudo considerava na segunda metade do século XX, a América Latina ainda vivia uma condição de trabalho sob regime semi-feudal:

Com exceção da Colômbia, Argentina, Brasil e Uruguai, a percentagem de indivíduos produtivos ou dos bem remunerados é muito mais baixa do que nos Estados Unidos ou na Europa (cerca de 31% enquanto a dos Estados Unidos, no tempo do desemprego, era de 30,8%). Essa alta proporção de população não aproveitada constitui um grande peso para a parte economicamente produtiva. A capacidade produtiva do trabalhador latino-americano é muito inferior à do americano ou à do europeu, pelas razões acima expostas — subnutrição, ignorância e falta de aparelhagem adequada.” (SOULE,et. al. 1945 apud CASTRO, 1984, P. 43-44)

O estudo mostra como viviam parte dos trabalhadores e da população da América Latina, com completos quadro de desnutrição e analfabetismo; apontando

como tais incidências eram ainda maiores em grupos indígenas alocados nas cidades. Josué de Castro denunciava a pouca visibilidade que os Estados davam a o problema mundial que era a fome.

O diário de Carolina de Jesus conhecido internacionalmente como o Quarto do despejo (1961), aborda a questão da fome entre as famílias de periferia na grande São Paulo, trazendo ao debate também duas outras questões: o papel dessa mulher negra, interpelada pelo drama da classe, do gênero e da cor.

Uma vez que, no Brasil do final do século XX, 'raça' era um marcador social. Nas palavras de Rita Segato em *Raça é signo* (2005); cor é signo, e por conseguinte, atua como indicador para a classificação,

Num país como o Brasil, quando as pessoas ingressam a um espaço publicamente compartilhado, classificam primeiro –imediatamente depois da leitura de gênero binariamente, os excluídos e os incluídos, lançando mão de um conjunto de vários indicadores, entre os quais a cor, isto é, o indicador baseado na visibilidade do traço de origem africana, é o mais forte. (SEGATO, 2005 P. 03)

A cor é o signo capaz de determinar tanto a mobilidade social quanto espacial do sujeitos. Em relação ao lugar que o negro ocupa dentro da sociedade brasileira, Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982) trazem uma alegoria da favela como o não-lugar do senhor, assim como os/as negro/as estariam atrelados a senzala, a cozinha e o local de produção.

Pode-se dizer que nas sociedades atuais esses espaços se converteram nas cidades dormitórios, favelas ou fábricas escuras, mas é dentro das prisões, hospícios e cemitérios que a exclusão nega a esses sujeitos negros suas faculdades políticas (Gonzalez, L; Hasenbalg,C. 1982 p. 15-16).

À luz dos estudos teóricos que propomos até aqui, Carolina de Jesus possui os principais eixos de intersecções que discriminam no Brasil, porque era mulher, negra, pobre, mãe-solo, trabalhadora informal e espírita.

Contudo, Carolina de Jesus por meio do encantamento da palavra se sobressai como poetisa, escritora de contos, cantora e compositora de Samba.

Segundo Vera Eunice (2019); talvez o momento mais feliz de Carolina de Jesus tenha sido quando esta segurou a primeira vez o livro O quarto do despejo em

1960. Para Kimberlé Crenshaw (2004 p.10) afirma que quando pensamos interseccionalidade não estamos lidando com um “grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos”.

O que nos leva a pensar como as diferentes formas de discriminação aparecem conectadas, e como isso interfere a vida das pessoas que são diretamente atingidas por tais eixos.

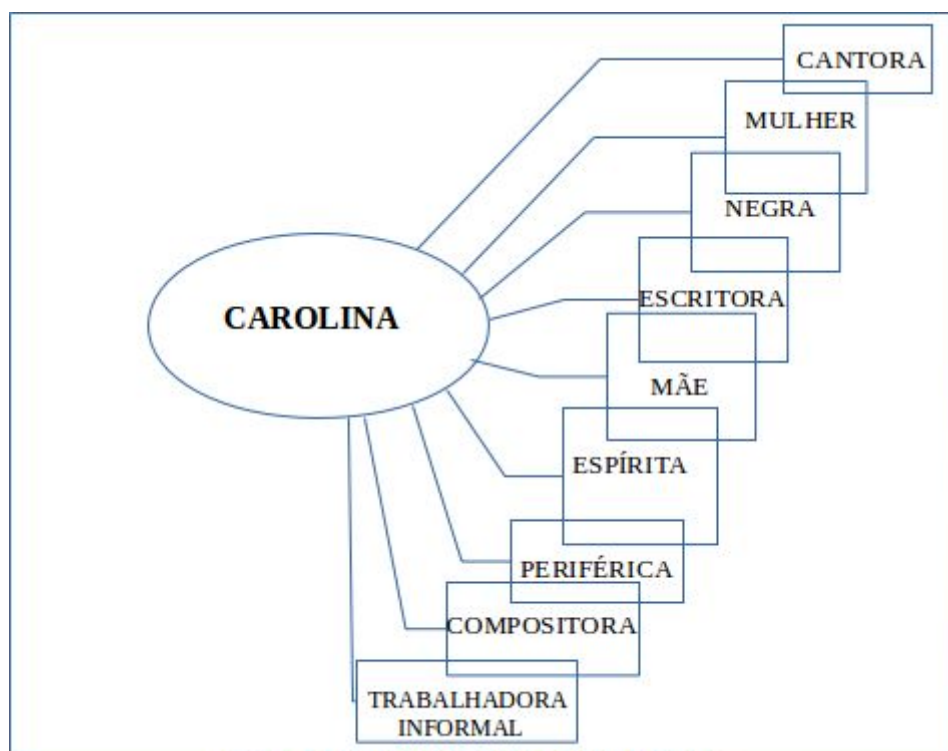


GRÁFICO 1- CAROLINA MARIA DE JESUS

De modo a sistematizar de forma bastante elementar, criamos um quadro com as principais condições e habilidades de Carolina Maria de Jesus. Pode-se dizer que sua escrita esteve intrinsecamente perpassada por tais marcadores sociais.

Sobre as percepções da autora acerca da realidade, podemos ver o ‘amor’ como algo inexistente ou mesmo irreal. Carolina de Jesus (1986 p.74) comparou o amor com uma doença, que deveria ser cuidada ou poderia levar a morte.

Em outras afirmações Carolina de Jesus chegou a dizer que os homens negros de sua época agiam sobre certa acomodação e preguiça (De Jesus 1986 p.58). Algo que também aparece na conversa com Vera Eunice de Jesus:

Ela namorava só estrangeiros brancos. Ela dizia que os negros não estavam na altura dela de cabeça. Ela era muito inteligente. Namora catedráticos, Jornalistas, meu pai tinha uma indústria. O pai do meu irmão (cada um filho de um pai) tinha um frigorífico. O outro pai do meu tinha era um marinheiro português. Da outra filha que morreu, era um americano. Namorou com chilenos, ingleses.

Esse ponto é extremamente complexo, tendo em vista, que o abandono afetivo é uma realidade às mulheres negras no Brasil, chegando a causar, o que se pode chamar de celibato definitivo. Uma vez que, essa parcela da população segue resistindo “o racismo institucionalizado (que opera também) nas escolhas afetivas” (OLIVEIRA; SANTOS, 2008 p.9).

Os registros de Carolina de Jesus, assim como as lembranças de Vera Eunice sobre a infância; essas são memórias intercaladas com o drama da fome, a angustiante incerteza de quando e o que será a próxima refeição, como vemos nesse relato:

O que eu lembro bem da infância é que ela sempre passava o dia procurando comida. Os meus irmãos comendo feito uns loucos. E ela sempre catando papel. Então ela saía para catar papel deixava os meninos. Os meninos iam para a escola, porque ela nunca deixou de nos mandar para escola. E a gente ia catar papel. Ela sentava na calçada para vomitar. Como ela falava: -Vomitava amarelo. Essa cor amarela, ela trazia essa com ela. Ai ela catava os primeiros papéis vendia e a gente ia comer. Ai sim, era como ela falava, que ela tinha força, como ela põe no quarto do despejo: - A força do alimento no organismo. E ai, o que eu lembro bem é dela catando aquele papel. As vezes ela tinha que correr porque ela tinha que trazer o dinheiro para casa (Vera Eunice, 2019)

São lembranças muito fortes dos anos iniciais de Vera Eunice, afinal, ainda muito pequena acompanhar o dilema da mãe vendo a aflição dos filhos desesperados por comida. A própria mãe aflita nos dias em que nada trazia para casa. Esse amarelo que parecia persegui-los.

A insistência da mãe para que os filhos estudassem, a fim de que no futuro pudessem gozar de uma vida melhor do que aquela que eles tinham, a crença na educação que lhe foi negada na infância. Carolina, na visão de Vera Eunice foi a mãe que se sujeitava às condições insalubres para continuar provendo o alimento, sem humor muitas vezes para lidar com os filhos, e que em certos momentos lamentava a condição de ser mulher:

“nunca quis ter uma menina e eu também sempre questioneei isso. Hoje, eu entendo a situação a partir da vida que ela teve, se for uma menina, acho que ela pensava que mulher sofre mais. Na época eu não entendia, hoje eu entendo isso”. (EUNICE, 2019)

Para Vera Eunice afirma que Carolina de Jesus também

tinha seus momentos de cantar, Minha mãe era muito alegre. Ela conversava muito com a gente, ela lia muito com a gente. Ela contava a história da vida dela com a gente. Tinha esse lado também. Essa foi minha infância. Mas ela nunca deixou de escrever. Ela escrevia em papéis de pão. Eu lembro bem dela, sempre escrevendo. Ela parava muito, e falava espera aí, pegava o papel e escrevia. Os manuscritos dela tem vários papéis e coisas repetidas. Tem muita coisa.

A partir do relato de Vera Eunice (2019) percebemos que a autora sempre escrevia. Carolina de Jesus ‘nunca deixou de escrever’, sendo o seu momento preferido a madrugada, segundo ela o momento mais propício, principalmente depois de haver alimentado os filhos. Foi assim que Carolina de Jesus em fome, alimentava os próprios sonhos de ser escritora.

Vera diz que a mãe faleceu em 1977; por causa da doença de chagas adquirida na prisão. Carolina de Jesus foi enterrada no cemitério do Cipó em Embu-Guaçu, na cidade de São Paulo. E hoje tem seus livros publicados em mais de 14 línguas.

Esse texto está longe de romantizar a dupla jornada de mulheres negras ou mesmo teorizar desde a fetichização da pobreza; dessas, que assumem perante a sociedade a responsabilidade de cuidar dos filhos sozinha. Ao eleger falar sobre a vida e obra da autora, o fazemos por acreditar que

Tal realidade deve ser falada e teorizada Deve ter um lugar dentro do discurso, porque não estamos lidando aqui com “informação privada”. Tal informação aparentemente privada não é, de modo algum privada. Não são histórias pessoais ou reclamações íntimas, mas sim relatos de racismo. (KILOMBA, 1994 P.57)

Nesse sentido, o olhar crítico e situado de Carolina de Jesus acerca do local e das condições em que viveu, contribui tanto para a exposição do racismo que perpassou a realidade de milhares de brasileiras/os nas décadas de 60-70, quanto oferece material para analisar o processo de urbanização da cidade de São Paulo.

A seguir refletimos sobre a precariedade do espaço das favelas a partir da auto etnografia de Carolina de Jesus, e dos estudos de Teresa Caldeira e outros antropólogos.

2- PARADOXOS DA URBANIZAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES VERSUS A FOME DAS FAVELAS.

“Vou escrever um livro referente a favela. hei de citar tudo que aqui se passa. e tudo que vocês me fazem. eu quero escrever o livro, é vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos”. (DE JESUS, 1960 P.17)

Esse fragmento do livro *o Quarto do Despejo* (1960) deixa evidente as pretensões da autora em descrever os aspectos da interação cotidiana entre os moradores da periferia do Canindé. Contudo, tais descrições excedem as relações interpessoais dos moradores resultando em complexas análises socioeconômicas e políticas da cidade paulistana nas décadas de 60-70, fortemente agravada pelo crescente processo de urbanização e precarização dos bairros periféricos.

Para tanto, refletimos acerca da transição do campo às cidades como fenômeno moderno. A Revolução Industrial marcou significativamente as experiências europeias nos séculos XVIII e XIX pois fomentou o processo de mobilidade das populações rurais às cidades. Com o êxodo rural as populações dos campos migraram às cidades e como consequências tiveram que se adaptar a aglomeração populacional resultado direto da industrialização e da urbanização.

Tal mobilidade propiciou a formação da classe operária formada por trabalhadores das fábricas, que foram confinados aos espaços inóspitos además de serem os primeiros a ocuparem as ditas periferias (MAGNANI, 2012 P.55). Durante muito tempo, a cidade foi sinônimo de avanço e progresso, logo a vida no campo estava associada ao atraso, e fadada ao desaparecimento.

Na obra *‘Uma antropologia da mobilidade (2010)’* do antropólogo Marc Augé, o autor diz que “por muito tempo, a cidade foi uma esperança e um projeto, o lugar de um futuro possível para muitos e, ao mesmo tempo, um espaço de incessante construção”. Apenas com o passar do tempo o mito do social moderno tal como aborda Williams Raymond (1989, p.157), tão característico da mudança rural para a industrial na Inglaterra, foi encarado como um processo decadente.

Os habitantes da cidade também se viram perpassados pelos estereótipos da vida urbana, que lhes conferiam determinado comportamento e humor que

frequentemente associava os cidadãos como mais propensos a irritabilidade e agressividade (Raymond, 1989).

O enquadramento e confinamento da classe operária não estava desprovido de interesses políticos, tal formação e separação geográfica das periferias não se tratava apenas de distanciamento do centro, “mas de um projeto político e social” (AUGÉ, 2010, p.34). Segundo (DE JESUS, 1960 p. 22), “A favela é o pior cortiço que existe”.

Como consequência, a vida nas cidades tornou-se inviável pois havia uma enorme quantidade de operários vivendo em condições insalubres, em seus cortiços remendados, que teriam sido as antigas periferias. Segundo Josué de Castro (1984 P. 296) a urbanização das grandes cidades foi marcada pelo discurso do desenvolvimento econômico, que colocava o país no dilema do aço e do pão, segundo ele:

A tendência predominante entre os economistas é de que se deve concentrar de início todo o esforço no aço, ou seja, na industrialização, obrigando-se a coletividade a participar com seu sacrifício na obra de recuperação nacional. É o que se chama de pagar o custo do progresso indispensável à emancipação econômica

2.1 AUTOETNOGRAFIA PROJETO POLÍTICO DE (RE)EXISTÊNCIA

Os relatos descritivos de Carolina de Jesus partem de suas experiências enquanto mulher negra, mãe-solo e moradora de uma favela em São Paulo. A autora tinha consciência de que estava relatando a condição de outras pessoas expostas a mesma realidade, “na favela todos lutam com dificuldades para viver, mas quem manifesta o que sofre sou só eu” (DE JESUS, 1960, p 32).

As memórias descritas por Carolina de Jesus consolidam traços da sua identidade autoral e por sua vez essa identidade configura a reafirmação sua posição de sujeito de direito. E que vem a ser um contraponto, uma vez, que a realidade dela e seus vizinhos, os lança em um estado de invisibilidade.

Com a finalidade de conceitualizar o que aqui se entende por autoetnografia nos utilizaremos dos escritos da antropóloga Daniela Versiani. Versiani (2009 p.07) utilizar-se do exemplo da literatura produzida por Garcilaso de La Vega, o último

Inca, apontando como a escrita de “La Vega soube reivindicar seus direitos ou mesmo construí-los”.

Para Versiani, Garcilaso de La Vega constrói sua identidade como autor, enquanto estaria legitimando seus direitos como sujeito. Carolina de Jesus faz o mesmo ao reivindicar mudanças políticas e exigir direitos. Ao trazer o diário de Carolina Maria de Jesus como ferramenta para teorizar a urbanização no estado de São Paulo observamos como este escrito tem a potência de um texto etnográfico, haja vista, a propriedade com que a autora descreve tal realidade, e seus esforços de distanciamento e estranhamento como escritora.

De acordo com Jones, Adam e Ellis (2013) “a autoetnografia, em linhas gerais têm como objetivo requalificar a relação entre objeto e observador, ressaltando a importância desta interação e da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção do conhecimento”, citado por Mota e Barros (2015 P.01).

Ainda, segundo Versiani (2005 p.58), a adoção da etnografia promove rupturas cruciais na maneira que os conhecimentos são transmitidos e elaborados. Para Daniela Versiani, a mudança se deve ao fato do modelo tradicional de produção etnográfica estar baseado na unilateralidade do sujeito hegemônico, este, por sua vez, branco, masculino.

Para tanto, a autora se utiliza das contribuições de Julia Watson e James Clifford, no que diz respeito compreender “a subjetividade como construção dialógica em processos interpessoais que ocorre em contextos multiculturais” (VERSIANI, 2005 p.68). Sobre o conceito de autoetnografia, três aportes são importantes,

Primeiro: o conceito de autoetnografia pode servir como ponto de partida para a leitura de textos autobiográficos reunidos sob uma identidade coletiva. A presença do prefixo auto, do grego autos, serve de alerta contra a supressão das diferenças intra-grupo, enfatizando as singularidades de cada sujeito/autor, enquanto o termo etno localiza, parcial e pontualmente, esses mesmos sujeitos em determinado grupo cultural.

Segundo: o conceito de autoetnografia também parece produtivo para a leitura de escrita de sujeitos/autores que refletem sobre sua própria inserção social, histórica e identitária e, em especial no caso de subjetividades ligadas a grupos minoritários, também como um possível modo de conquistar visibilidade política.

Terceiro: o conceito possibilita a noção de subjetividade construída de modo relacional, ou dialógica – também permitem pensar que texto de autoconstrução e subjetividades (coletâneas de autobiografias, as próprias autobiografias e memórias, cartas, e-mail etc..) podem ser lidos como textos com valor de etnografias e vice-versa, havendo entre as duas formas de

escrita (auto e etno- grafias) aspectos intercambiáveis. (VERSIANI, 2005 P.68-69)

Nesse sentido, a autoetnografia é apresentada como modo de enfatizar singularidade do sujeito/autor situado em determinado grupo cultural; geralmente associado a minorias políticas; ao passo que constrói a partir de si próprio tais identificações. Sobre o conceito de identificação aplicado às populações em estado de diáspora africana no continente americano, pensamos a partir de Stuart Hall.

Pontos importantes desse estilo de escrita são as possibilidade de inserção de fontes discursivas que dialogam diretamente com a realidade do sujeito que a escreve e aparição das minorias políticas nas esferas discursiva.

2.2 FAVELA DO CANINDÉ: UM PROJETO POLÍTICO DE EXCLUSÃO

Ao descrever a segregação espacial durante a urbanização do Estado de São Paulo ao longo do século XX nos valeremos da a partir dos estudos de Teresa Caldeira (2000). Para quem o período estaria marcado pela convivência de diferentes grupos sociais por vezes alocados na mesma região mas divididos por enclaves fortificados.

Segundo Caldeira (2000) a urbanização da cidade de São Paulo pode ser descrita em três fases: A primeira fase teria surgido no final do século XIX até os anos 1940 o que produziria uma cidade concentrada, na qual os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana pequena mas que estavam segregados por tipos de moradia.

A segunda fase estaria marcada pela transformação dos espaços de centro e de periferia durante os anos de 1940 até 1980. Finalmente, a terceira fase implicava um processo que Teresa chamou de *enclaves fortificados*, que consiste em dizer que as diferentes classes sociais criaram mecanismos de habitar o mesmo espaço mas com inúmeras maneiras de distinguir-se e se proteger (Caldeira 2000).

Isso pode ser visto pela concentração das classes média e alta nos bairros centrais com boa infraestrutur, e os pobres vivem nas precárias e distantes periferias”.de acordo com Caldeira (2000 p.110). Sobre a infraestrutur das regiões da periferia a autora acrescenta ainda,

Além disso, o plano indicou que 60% das ruas não eram asfaltadas e 76% não tinham iluminação pública (São Paulo, Sempla 1995: 19). A distribuição de infraestrutura e de serviços públicos era bastante desigual. Enquanto no centro 1,3% dos domicílios não tinha água encanada, 4,5% não estavam ligados à rede de esgoto, 1,7% não tinha asfalto e 0,8% não tinha coleta de lixo, num distrito novo, na periferia leste, como Itaquera, em 89,3% dos domicílios não havia água encanada, 96,9% não dispunham de esgotos, 87,5% não tinham asfalto e 71,9% não dispunham de coleta de lixo. (CALDEIRA, 2000 P. 228)

Como consequência, os trabalhadores urbanos, os desempregados, as mães solo, em sua maioria negros e negras os espaços marginais e periférico. Os processos de urbanização marcaram não apenas o processo de industrialização e modernização da paisagem, mas aparecem como o campo espacial de segregação racial e social dos sujeitos.

No que diz respeito a expansão da periferia, a exposição a tais condições, resultam no aumento das taxas de mortalidade, que entre 1940-1960 haviam diminuído. A falta de infraestrutura na favela do Canindé é uma constante no texto de Carolina de Jesus, no seguinte trecho a autora fala das dificuldades em acessar água potável e energia elétrica,

Deixei o leito, fui buscar a água. As mulheres já estavam na torneira. As latas em fila (...) 20 de Julho -Deixei o leito as quatro para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Tive a sorte ! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei.(...) 15 de Maio de 1955 – Enquanto eu pretendia consertar a luz, o Ramiro dizia: -liga a luz, se não eu te quebro a cara. O fio não dava para ligar a luz, precisava emendá-lo. Sou leiga da eletricidade. (Op. Ct. 1960 p. 15 - 28)

A falta de saneamento básico era a causa de constantes inundações, segundo Vera Eunice (2019):

Quando chovia não tinha condições de ficar no barraco. A gente saía e íamos para o albergue, eles falam que o albergue hoje é uma maravilha não sei se mudou, mas na época era um inferno. Porque você dormia em lençóis sujos ou com cheiro de urina. As mulheres saíam nuas para tomar banho a não via porque minha mãe tapava o rosto da gente. Minha mãe era muito alta, minha mãe abaixava e falava para gente: -vocês querem ficar aqui ou vocês querem dormir na rua? A gente dizia que queria ir para rua. Só que a rua, ninguém merece dormir na rua. Noites longas, terrível. A gente pedia para voltar para o barraco. Voltava e a casa com água. Mas o que ela fazia ela me amarrava o teto com um lençol. E os meus irmãos ela levava nadando para escola.

Para Carolina de Jesus a precariedade da vida nas favelas estava associada aos desvios do poder público, dos políticos que não olhavam para as demandas do povo.

Segundo Teresa Caldeira (2000 P.55), esse descrédito pelo aparato estatal é “Uma das principais contradições que marcam o Brasil contemporâneo é a que existe entre a expansão da cidadania política e a deslegitimação da cidadania civil”.

Em seu diário Carolina menciona o distanciamento das lideranças políticas da realidade vivenciada pelo povo, isso porque, segundo a autora, os representantes políticos tenderiam a ceder aos interesses de uma pequena elite:

15 de Maio – Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O Sr Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável, tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de veludo. Brincava com nossas crianças, deixou boas impressões por aqui. E quando se candidatou a deputado venceu. Mas na câmara dos deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. Eu classifico São Paulo assim: o palácio é a sala de visita, a prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

16 de Maio – Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Ademar e queimar o Juscelino. *As dificuldades cortam o afeto do povo pelos políticos.*³ (...) 20 de Maio – E os políticos que há de nos dá. Devo incluir-me porque eu também sou favelada. Sou rebotalho⁴. Estou no quarto de despejo. E o que está no quarto de despejo ou se queima ou se joga no lixo. (Op. Cit. 1960 P. 28-33).

De acordo com Carolina existe por parte das lideranças políticas certa ‘aproximação’ na favela quando se trata de véspera de eleições na busca de votos, e operarem por meio da entrega de presentes visando comprar possíveis eleitores. Carolina de Jesus não esconde a sua insatisfação quanto ao conjunto de decisões tomadas pelos governantes da nação.

O descrédito nas instituições, segundo a etnografia de Caldeira (2000 P.55) é característica política da democracia disjuntiva que se formou no Brasil em séculos anteriores, processo esse, que se a autora fundamenta em princípios de insegurança produzidos a partir da ‘fala do crime’:

O universo do crime- incluindo a fala do crime e o medo, mas também o crescimento da violência, o fracasso das instituições da ordem, especialmente a polícia e o sistema judiciário, a privatização da segurança e da justiça e o contínuo cercamento e segregação das cidades- revela de uma forma sintética e marcante o caráter disjuntivo da democracia brasileira.

Nesse sentido, os escritos de Carolina de Jesus figuram entre um dos grandes exemplos de observação da realidade social nas periferias a partir de seus próprios moradores. Ao auto etnografar o local em que viveu, a autora construiu uma identidade autoral a medida que reivindicava seus direitos sociais enquanto sujeito pertence a determinada comunidade.

Os dilemas referentes à questão racial sempre foram uma constante no cotidiano de Carolina de Jesus. A autora tinha consciência da segregação social e racial do contexto paulista, na qual, específicos grupos estão confinados nas favelas ao passo que outros estão destinados às cidades.

Prova disso, é famosa citação da autora em Quarto do despejo: Diário de uma favelada (1960), "Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos." (DE JESUS, 1960 P 27). Nesse sentido, Lélia Gonzáles (2019) explica que:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.

Os entraves dos eixos que discriminam são os fatores que fazem com que mesmo orgulhando-se de sua identidade racial, Carolina de Jesus registre em seu diário que "Quando pus a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negra é tudo o que nos rodeia". (DE JESUS, 1960 P.39).

A palavra 'negra' aqui, aparece como esse algo a ser renunciado, esse Outro indesejado e negado por levar em si o signo da cor, porém na atualidade, os debates políticos dos movimentos sociais têm reivindicado como a exaltação desse marcador que é a cor negra como símbolo de orgulho e resistência.

O mesmo acontece com as auto definições do movimento de mulheres afrodescentes em diáspora na América conhecido como mulherismo africana⁵. Durante muito tempo os estudos sobre as periferias foram retratados por pensadores não periféricos, o que acaba por resultar em produções distanciadas.

De modo que, a escrita de Carolina de Jesus se destaca pela própria exposição que a mesma cotidianamente vivência de dentro da periferia enquanto favelada, marginalizada, exposta à simultâneas violências por seu sexo, raça e classe. A seguir refletimos os impactos da segregação espacial descrito por Vera Eunice (2019).

2.2.1 A História de Vida de Vera Eunice e suas narrativas sobre a trajetória intelectual de Carolina de Jesus

Conforme relatado na introdução as entrevistas aconteceram no mês de Junho de 2016, no local de trabalho de Vera Eunice e em locais públicos da grande São Paulo. Aqui buscamos remontar as especificidades da escrita de Carolina de Jesus não retratadas em seus escritos.

Tal entrevista pode ser encontrada na íntegra ao final do texto, a interlocutora diz ter nascido em um dos piores momentos de Carolina de Jesus. Segundo ela, em 1953 quando nasceu nem condições a mãe tinha de ir ao médico, por isso seu parto foi realizado mesmo na favela. A idade avançada da mãe agravou o período de aleitamento materno, o que forçou os irmãos maiores a sair na favela buscando por comida entre os vizinhos.

Naquela época o fubá, a água e óleo eram a principal comida da família, Vera se lembra da mãe dizendo que, ainda recém nascida ela e os demais comeram isso para sobreviver, já que, a mãe ficou impossibilitada de trabalhar. Nascida e criada na

⁵ Segundo Nora Dave (1998) Mulherismo Africana é um conceito que tem sido moldado pelo trabalho de mulheres como Glenora Hudson-Weems, Ifi Amadiume, Mary E. Modupe Kolawole, e outras. O mulherismo Africana pode ser visto como fundamental para o contínuo desenvolvimento da teoria Afrocêntrica. Mulherismo Africana traz à tona o papel das Mães Africanas como líderes na luta para recuperar, reconstruir e criar uma integridade cultural que defenda os antigos princípios Maáticos de reciprocidade, equilíbrio, harmonia, justiça, verdade, justiça, ordem e assim por diante.

favela Vera Eunice (2019) diz que a sua vida, bem como a dos irmãos e da mãe foi buscando comida.

Para Vera Eunice era muito difícil o relacionamento da mãe com os vizinhos, tendo em vista o comportamento da mãe e seus gostos, segundo ela a mãe escrevia e lia muito, gostava de valsas e não permitia que as crianças se “misturasse” com os filhos dos demais. Vera se recorda que aos domingos sua mãe os mandava ao cinema. Para Vera, ela e seus irmãos eram vítimas do ódio que as demais moradoras sentiam de sua mãe, por isso, os inúmeros episódios de agressão contra seu irmão mais velho, que Carolina tinha que intervir.

Os relatos de Carolina de Jesus são fundamentais para compreender o efeito da modernização das cidades e a produção simultânea de locais segregados e à margem, não como mera distribuição espacial mas como ativo projeto político de exclusão social. De acordo com Caldeira (2000 p. 227-228), “*Em 1968, o PUB (Plano Urbanístico Básico) mostrou que 52,4% dos domicílios não tinham ligação de água, 41,3% não estavam ligados à rede de esgotos e 15,9% não dispunham de coleta de lixo (citado por Camargo et al. 1976: 28)*”.

Podemos extrair mais informações sobre a precariedade das construções ainda nas conversas de Vera Eunice (2019), que segundo ela, em situações de chuvas o barraco ficava alagado. Eles eram obrigados a se deslocarem para albergues na região. Para Eunice aquelas condições eram tão insalubres que eles preferiam dormir na rua. A falta de saneamento básico é um fator que torna mais grave a situação dos moradores que vivem sob vulnerabilidade econômica.

A precariedade da vida na periferia é marca constante nos escritos de Bitita. Tamanho é o descaso estatal e invisibilidade que seus moradores recebiam das autoridades que leva a autora a publicar em Quarto do despejo em “aos pretendentes da política é que o povo não tolera fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. (DE JESUS, 1960, P.26). O Brasil precisa ser dirigido por alguém que já tenha passado fome, porque segundo ela, a fome também ensina a pensar no próximo.

E, por que escrevia Carolina? Para denunciar a penúria da vida na favela? Para tocar nas feridas sociais? Para mostrar como era a vida na margem? Para alimentar a alma? Vera Eunice (2019) diz que mãe escrevia, porque ser escritora era seu sonho. Isso explica, porque a obra de Carolina se expande para outras categorias, chegando a ser cantora e compositora de sambas.

Quizas, a autora e poetisa, falasse tanto sobre a fome porque apenas depois de saciada conseguia se dedicar à escrita, ou como ela mesmo dizia “*tinha tranquilidade mental para poder escrever*” (Vera Eunice, 2019). Talvez, os momentos de escrita de Carolina fossem todos:

Então era deitada debaixo das árvores e ali ela escrevia. Ai era onde viam os romances os provérbios, os poemas, peças teatrais, novelas. Tudo ela escrevia. Ela escrevia de tudo. Passava a noite inteira escrevendo sem luz. Ela punha vela no sítio, e punha vela em cima do meu pé.. e falava: -Você não se mexa porque eu vou escrever. Se você se mexer, você vai dormir sozinha. Eu tinha medo, eu não me mexia. E ficava ouvindo o barulhinho da caneta a noite toda. Então eu tenho certeza, ela escrevia a noite inteira. Então minha mãe escrevia assim, ela estava andando na rua e vinha um poema. Ela já escrevia o poema. Como eu falei quando ela tinha aquela paz interior. A vida dela foi escrever. Eu me lembro, a vida inteira dela foi escrevendo. Naquela fome que a gente passava diferente, mas era uma espécie de fome.

Aqui percebemos os desafios dessa escrita, e, porque são grandes manifestações desse estado de crueza. Carolina inventa a si, os momento e locais de escrita, ou melhor, fazia de todos os seus momentos, minutos para a escrita de sua obra. bell hook (2017 p.473) consegue condensar isso quando diz que: “as intelectuais negras sabem o valor do tempo passado sozinha”.

É precisamente sob esse estado que Carolina de Jesus teoriza acerca da própria realidade, não apenas de crueldade pela frequente exposição ao racismo e machismo; mas pela estado sincero e sem máscara, pela qual ela habita tal universo. A favela, e cortiço, a margem, a periferia, o subúrbio, a vida de fome de milhares, o esgoto aberto, a falta de segurança, a falta de água, as noites dormidas ao relento, o frio, a fome, o desespero, o medo, a angústia, as frequentes ideias suicidas.

Os filhos em fome, a crueza, novamente crueza, crueldade, suor mesclado com lágrima, vômito amarelo, comida, escassez de comida, comida na lata, suor,

medo, desespero. Angústia, solidão, barraco, rebotalho, o trocadilho, maldito trocadilho de estamira, de Carolina, de Tulla, e de tantas outras mulheres poetisas negras de periferia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto vale ou é por quilo a carne que para debaixo do saco preto?

Este texto teve por objetivo discorrer sobre as intersecções presentes na vida e obra da autora Carolina de Jesus à luz dos relatos de Vera Eunice coletados durante o trabalho de campo em 2019. Compreendemos que os textos de Carolina de Jesus aborda dilemas cruciais, não apenas da população brasileira, mas da população mundial que é a fome, a urbanização, a precarização da vida nas periferias. A autora falava da fome que deveras sentia, da fome que a fazia vomitar amarelo como Vera Eunice disse em entrevista.

As análises dessas escritas de si ou mesmo das autoetnografias dizem muito sobre a urbanização da cidade de São Paulo nas décadas de 60-70. A intensa industrialização da grandes metrópole aliada ao mal planejamento, obrigou a criação desses locais de margem, que eram, simultaneamente, locais dormitórios e de despejos. Como Carolina dizia: a favela é o local do despejo, o palácio eram os centros urbanos, as cidades.

A escrita de Carolina de Jesus é marcada pelo descrédito do aparato social, o que Caldeira (2010) disse ser um dos aspectos da democracia disjuntiva. A autora retoma o total abandono das autoridades políticas que voltavam-se a periferia nas épocas de eleições e com isso o povo era conduzido por seus discursos esvaziados. As entrevistas de Vera Eunice (2019) e os textos de Carolina de Jesus mostram o contínuo estado de resistência e invenção da autora eram constantes e diários.

A escrita de Carolina de Jesus é simultaneamente a superação das múltiplas ausências: ausência de discursos sobre a mesma realidade, ausência de oportunidade de visibilidade, ausência de recursos financeiros, que a possibilitasse dedicar-se ao ofício de escritora, ausência de estímulos externos, ausência de pares

discursivos, ausência de comida, ausência de tempo, ausências de oportunidades, ausências...

Esses espaços criados por meio da escrita eram, principalmente, locais de exposições da realidade de abandono onde podia refletir sobre o desespero de quem vivencia a fome no olhar dos filhos, de quem encontra na madrugada o tempo oportuno de sua busca por reconhecimento. Nesse cenário tão diverso, situamos a partir de registros documentais a escrita de Carolina de Jesus.

Contudo, como realizar um trabalho sobre essa produção intelectual? Como adentrar as esferas do campo sem ser afetado por questões que cercam a pesquisadora-autora deste texto? Essas perguntas norteiam essa escrita, uma vez que, me encontro na condição de mulher negra residente em periferia que acredita na educação tão profundamente quanto Carolina.

De modo que, que fazer ou registrar esse trabalho nos moldes da antropologia clássica não seria possível, sem que antes, partíssemos, primeiramente de um 'pacto' com os sujeitos da pesquisa, simultaneamente, Carolina e a filha, assim como sugere Bruce Albert (2012).

Assim que esse trabalho é importante por se tratar da visibilidade dada aos processos de produção e qualidade de seus trabalhos, que desafiavam seus próprios recursos, por outra pesquisadora-autora advinda de um contexto, seguramente menos adverso e caótico, contudo, não menos complexo. Nesse sentido, a importância dessa escrita de mulheres negras de periferia sobre mulheres negras de periferia sem a fetichização de seus dramas e sem os estigmas das colonialidades.

Ao trazer os textos de Carolina como exemplos de autoetnografia, não o fizemos apenas por se tratar de descrições espaciais, mas pelo teor e rigor das análises, que despediam da autora por vezes um distanciamento da própria para realidade, fosse para enxergar as discrepâncias sociais ou a própria digressão que o progresso da urbanização imprimia na realidade dos moradores da periferia.

Conforme pontuado a autoetnografia perpassa a dimensão do pessoal e alcança uma esfera coletiva, são dilemas e situações compartilhadas por um grupo, no caso de Carolina os/as favelados/as. E, por trás disso remetem-se a um sentido político, uma busca de direitos civis e sociais. Nesse ponto, a obra de Carolina de

Jesus constrói uma plataforma de denúncia dessa população marginalizada, vivendo nesses espaços sem infraestrutura e insalubres na década de 60-70, como em números visualizamos nos trabalhos de Teresa Caldeira (2010)

Carolina de Jesus tinha o sonho de que suas palavras estivessem eternizadas ao longo dos tempos, e que suas ideias não estivessem limitadas a sua própria existência. Este texto esteve regado com as palavras de muitas outras mulheres negras além das de Carolina. Aliás, muitas outras mulheres negras que subverteram a realidade de desespero, que romperam o silêncio que sufoca como diz Audre Lord.

Escrever este texto foi colocar para fora demônios, falando sobre medos e demônios, foi escrito em cruza, de quem sente o que gera. De quem movimenta, ao subverter a realidade de fome, Carolina moveu não apenas a própria estrutura mas toda uma estrutura de milhares de mulheres negras que seguem se inspirando em sua trajetória.

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (Angela Davis) Este texto pertence às mulheres que nos antecederam porque fizeram dessa caminhada um local menos aurido e se direciona a muitas outras mulheres negras que continuam a se movimentar, o que faz com que Toda Mulher Negra seja um ato de auto.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Editora Companhia das Letras, 2017.
- ANZALDÚA, Gloria et al. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Estudos feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Papirus Editora, 1994. AUGÈ, ANTONIN. "Marc." **Por uma antropologia da mobilidade**. UNESP: EDUFAL, Maceió (2010).
- ALBERT, Bruce. **"Situação Etnográfica" e Movimentos Étnicos**. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. Campos-Revista de Antropologia, v. 15, n. 1, 2014.
- CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial eo branco anti-racista**. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 2010, 8.1: 607-630.
- CASTRO, Josué de et al. **Geografia da fome; o dilema brasileiro: pão ou aço**. 1965.
- CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004. DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- DE JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bitita**. Editora SESI-Serviço Social da Indústria, 2017. DE JESÚS, CAROLINA MARIA, AUDÁLIO DANTAS, AND ALBERTO TEIXEIRA. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Vol. 1. Livraria F. Alves, 1960.
- DE JESUS, Carolina Maria. **Pedaços da fome**. Editôra Aquila, 1963.
- DO RIO CALDEIRA, Teresa Pires. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Editora 34, 2000.
- DOVE, Nah. **Mulherisma Africana: uma teoria afrocêntrica**. *Jornal de Estudos Negros*, 1998, 28.5: 1-26.
- FREYRE, Gilberto et al. **Casa-grande & senzala**. 2002.
- GONZALEZ, L., & HASENBALG, C. A. (1982). **Lugar de negro** (Vol. 3). Editora Marco Zero.
- GROSGOUEL, Ramón. **Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial**. *Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar*, v. 2, n. 2, p. 337, 2012.
- HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. São Paulo- Sp: Orfeu Negro, 2019.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das Letras, 2019.
- LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e ação**. *Geledés. Rio de Janeiro*, 2015.

- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. Terceiro Nome, 2012
- MOHANTY, Chandra Talpade. **De vuelta a Bajo los Ojos de Occidente**. *Descolonizando el feminismo*. Madrid: Cátedra, [2003], 2008, p. 407-464.
- OLIVEIRA, Ilzver de Matos; SANTOS, Nayara Cristina Santana. **Solidão Tem Cor? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras**. *Interfaces Científicas-Humanas e Sociais*, 2018, 7.2: 9-20.
- OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Tradução para uso didático de: OYÌWÙMÍ, Oyèrónké. "Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*". CODESRIA Gender Séries, Dakar, CODESRIA, v. 1, p. 1-8, 2004.
- QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005. PRADO, Marcos. **Estamira**. Vinny Filmes [éd.], 2012.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. Editora Companhia das Letras, 2018.
- BEHAR, Ruth. **Rage and redemption: Reading the life story of a Mexican marketing woman**. *Feminist Studies*, v. 16, n. 2, p. 223-258, 1990.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. 2012.
- SEGATO, R. L. (2005). **Raça é signo** (Vol. 372). Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Editora UFMG, 2010.
- VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. 7Letras, 2005.
- VERSIANI, D. B. (2009). **Considerações sobre a noção de autor**. *Literatura em debate*, 3(4), 01-20.
- WEBER, Max. **Ética protestante**. NoBooks Editorial, 2005.
- WILLIAMS, RAYMOND. **O campo ea cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

Outras fontes

Para compreender a "América" e o "pretuguês" por Lélia Gonzalez Outras Palavras Eurocentrismo em Xeque Publicado 22/07/2019 às 19:10 - Atualizado 22/07/2019 às 19:12 Disponível em:
<https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/para-compreender-a-amefrica-e-o-pretugues/>

APÊNDICE

Fotografia 1 – Diário de Campo - JUN de 2019- Raquel Souza e Vera Eunice de Jesus Lima- Praça da Alimentação Shopping Villa Lobos

ANEXOS:

Entrevistas :

Vamos começar aqui pelo meu nascimento em 1953. Segundo a Carolina foi a pior época da vida dela, porque ela já tinha os dois filhos e já morava na favela. Era só ela para sustentar os filhos, e como ela falava, que ela estava em uma idade mais avançada quando eu nasci. Ela ficou 22 dias na cama com dor. Nem ir para o hospital ela foi. Os meninos precisavam comer, então, ela contava que eles pegaram um baldinho de alumínio, foram de casa em casa na favela, e que cada pessoa pôs uma colher de comida e daí ele chegavam com a comida toda misturada. E aí foi que eles se alimentaram.

Ela disse que ela estava morrendo na casa, porque eu nasci lá na favela, veio uma parteira deu uma injeção foi o que fez meu parto. Então ela me chamava de favelada. Você nasceu na favela, porque meus irmãos nasceram em hospitais e eu nasci na favela. Quando eu nasci ela não tinha leite, e o tinha nada para comer, aí ela tinha fubá e tinha óleo e um pouco de água. E ela era assim, se a comida não tivesse óleo para ela não tinha valor. Porque ela dizia que o óleo é que dava força, então ela misturou o óleo e a fubá e falou se tiver que morrer vai morrer. E ela falava se tiver que morrer vai morrer. E ela dizia que a mais saudável da turma é você, a que tem mais saúde, a que era para ter mais problema. Então eu já nasci assim.

E, eu questionava ela, porque meus irmãos têm fotos de pequeno e eu não tenho. Eu questionava muito ela, porque ela não tirava foto. Daí ela falava não tinha nem o que comer, nem dava pra você comer, como é que eu ia tirar foto. Aí, fomos criada lá na favela como é narrado no quarto do despejo. Na favela sempre procurando comida, comida, comida.

O meu pai era um espanhol, e me reconheceu só não registrou porque ele era casado e naquela época não podia. Só que eu tenho documentos falando que ele era meu pai. E ele dava uma pensão.

A gente via sempre pedindo comida para ela. O que eu lembro bem da infância é que ela sempre passava o dia procurando comida. Os meus irmãos comendo feito uns loucos. E ela sempre catando papel. Então ela saía para catar papel deixava os meninos.

Não me deixava com ninguém. Onde ela ia ela me levava. Primeiro porque ela nunca quis ter uma menina e eu também sempre questioneei isso. Hoje, eu entendo a situação a partir da vida que ela teve, se for uma menina, acho que ela pensava que mulher sofre mais. Na época eu não entendia, hoje eu entendo isso.

Os meninos iam para a escola porque ela nunca deixou de nos mandar para escola. E a gente ia catar papel. Ela sentava na calçada para vomitar. Como ela falava: -Vomitava amarelo. Essa cor amarela, ela trazia essa com ela. Ai ela catava os primeiros papéis vendia e a gente ia comer. Ai sim, era como ela falava, que ela tinha força, como ela põe no quarto do despejo: - A força do alimento no organismo. E ai, o que eu lembro bem é dela catando aquele papel. As vezes ela tinha que correr porque ela tinha que trazer o dinheiro para casa.

Eu me lembro bem de um episódio que uma mulher falou assim: - tem um cachorro pobre ali, você pega esse cachorro que eu te dou um prato de comida. Dai ela me pôs sentada em cima de um murinho, e la pegou aquele cachorro pôs no saco, quando ela chegou em casa, a gente tinha mania quando ela chegava já sentava a mesa porque ela trazia comida, a gente achou que era comida, mas quando ela abriu a sacola e viu que eram atos mortos.

Minha mãe não era muito bem-vista na favela porque ela gostava de valsas vianesas, ela lia muito, ela escrevia muito, ela não se mistura, ela não deixava os filhos se misturarem. Aos domingos ela catando papel mesmo assim, ela deixava o dinheiro reservado para mandar para o cinema. Ela sempre tinha essa preocupação. Mas as faveladas la não gostavam muito dela. Meus irmão não podiam fazer nada que elas iam para cima. Ela tinha uma cicatriz muito grande na perna de um dia que ela entrou na frente de uma mulher que queria atacar meu irmão com um canivete.

Mas tinha os momentos de cantar, Minha mãe era muito alegre. Ela conversava muito com a gente, ela lia muito com a gente. Ela contava a história da vida dela com a gente. Tinha esse lado também.

Quando chovia não tinha condições de ficar no barraco. A gente saia e íamos para o albergue, eles falam que o albergue hoje é uma maravilha não sei se mudou, mas na época era um inferno. Porque você dormia em lençóis sujos ou com cheiro de urina. As mulheres saiam nuas para tomar banho a não via porque minha mãe tapava o rosto da gente. Minha mãe era muito alta, minha mãe abaixava e falava para gente: -vocês querem ficar aqui ou vocês querem dormir na rua? A gente dizia que queria ir para rua. Só que a rua, ninguém merece dormir na rua. Noites longas, terrível. A gente pedia para voltar para o barraco.

Voltava e a casa com água. Mas o que ela fazia ela me amarrava o teto com um lençol. E os meus irmãos ela levava nadando para escola. Ai hoje, eu fico pensando eu com uns quatro assim, a cabeça dela devia ficar a mil.

Essa foi minha infância. Mas ela nunca deixou de escrever. Ela escrevia em papéis de pão. Eu lembro bem dela, sempre escrevendo. Ela parava muito, e falava espera aí, pegava o papel e escrevia. Os manuscritos dela tem vários papéis e coisas repetidas. Tem muita coisa.

Adolescência

Após ela conhecer o Audálio Dantas saímos da favela. Aí nos mudamos da favela. Só que eu questionava o Audálio, que agora já é falecido, mas eu questionava ele porque minha mãe escrevendo a vida dos outros, ela falava que estava escrevendo, a mulher gostava de valsa de

Veneza, gostava de tudo diferente, a mulher escrevia, a mulher lia. Ele publicou o livro e deixou minha mãe na favela. Eu questionava ele, uai, você deveria ter tirado minha mãe pelo menos um mês antes. Nós saímos lá da favela debaixo de pedra. Minha mãe levou uma pedrada no olho esquerdo quase fica cega.

Logo que o livro foi público minha mãe já aparecia nos jornais. Todo mundo via. Tem uma parte que ela escreve que ela estava andando na favela escondida, ela mesmo se escondendo. Ela ficou com medo, porque os outros favelados pegaram raiva. A publicação do livro foi um sucesso.

Dai nos mudamos e todo mundo queria aparecer com Carolina. Nós fomos morar no porão da casa de um dos acionistas do Açúcar União. A gente foi morar no porão, mas tinha muita comida. O que a gente queria, queria comer! Precisava dormir. Eles mandavam comidas maravilhosas para gente.

Fomos morar um ao em Osasco. Em uma casa lá de móveis. Aí fomos para Santana. Na década de 70. Dai você imagina, negra, mãe solteira, namorada, namorava de mais, gostava das valsas venezianas bem altas, escritora, semianalfabeta tinha tudo para não dar certo ali. Então ela não foi muito bem-aceita lá.

Minha mãe viaja muito. Meus irmãos ficam mais tempo sem ela, eu era quem estava o tempo todo com ela. Nessa época minha ficou muito famosa. Minha mãe era uma mulher inteligente com as palavras, mas não sabia administrar. Nós morávamos em um sobrado, amanhecia o dia tinha uma fila de gente na porta pedindo para buscar o filho não sei onde, tirar filho da prisão, compra, viagem. Ela ficava ali tentando ajeitar. Ela abrigava os mendigos na rua. Não tem onde dormir ela levava para casa. Eles roubavam as coisas dela. Então a gente via aquele monte de mendigo em casa. O

pessoal dizia sua mãe é louca né, por esses mendigos dentro de casa. Dai a gente ficou naquela situação.

Vida pessoal de Carolina

Minha mãe era muito assim, difícil de lidar. Ela não aceitava muito que você falasse as coisas.

Ela assinou um contrato na Itália para realizarmos um filme, eu e meu irmão do meio. O mais velho cresceu demais. O dinheiro do contrato ela comprou o sítio em Parelheiros.

Nessa época ela namorava demais. Ela namorava só estrangeiro. O pessoal que costuma dizer que sua mão apenas namorava estrangeiros, posso fazer nada. E brancos. Ela dizia que os negros não estavam na altura dela de cabeça. Ela era muito inteligente. Namora quem catedráticos, Jornalistas, meu pai tinha uma indústria. O pai do meu irmão (cada um filho de um pai) tinha um frigorífico. O outro pai do meu tinha era um marinheiro português. Da outra filha dela que morreu era um americano. Namorou com chilenos, inglês.

Minha mãe dizia qual o homem que só vai aceitar uma mulher que só quer escrever. Que só pensa em escrever. O humor da minha mãe ia do céu ao inferno. No instante que ela estava feliz ela já se estressava. Hoje eu percebo que aquilo era reflexo da realidade que ela vivia com três filhos, ser mãe solteira. Naquela época nós só pensávamos em comida. A preocupação de alimentar os filhos. Minha mãe com feridas nas pernas que adquiriu quando esteve presa. Ela também sofria da doença de chagas. E o maior sonho dela era escrever.

Se me perguntassem qual o momento que você sua mãe muito feliz, eu diria quando ela pegou o livro O quarto do despejo impresso nas mãos. E viu o nome dela escrito. Ali foi a realização dela.

Sítio em Parelheiros

Um belo dia ela colocou tudo dentro de um carro e disse que nós vamos embora para parelheiros. A casa não tinha piso, sem luz, sem janela, sem porta. Nessa época meu irmão de 15 anos se revoltou. Nessa época eu era menina ainda uns 9-10 anos. Meu irmão já não queria que ela namorasse mais, e os dois entraram embate os dois.

Na mesma época ela deixou de receber os direitos autorais. Os filhos adolescentes não arrumavam emprego. O problema agora era a gente tinha feijão, mas não tinha arroz porque lá não dava arroz. Não tinha café açúcar, óleo. Mas tinha ovos. Eu lembro como se fosse

hoje, a gente ficava esperando a galinha botar. Ai vinha aquele ovo ela corria fazia um bolinho de fubá.

Minha mãe nessa época saia e falava assim: -Eu vou sair, se eu conseguir comida eu volto para casa. Se eu não conseguir nada eu vou me matar. Eu vou me suicidar. Ela falava muito de suicídio. Isso é mal do escritor não é?. Ai a gente ficava em casa, ficava uma semana sem aparecer. Todos os dias o meu irmão, não tinha luz, ele fervia a pilha e punha o bombрил .. E ficávamos assim os 3 no rádio.. Ele falava:- vamos escutar a hora do Brasil, porque se ela se matar a gente vai saber porque ela é escritora. Não ouvia a gente corria até o ponto. Da minha casa eram dois quilômetros até o ponto. A gente corria e ficava esperando em cima do barranco. A gente corria, voltava.

Passava a semana ela vinha, vinha com comida, com vassoura.. Até vassoura para varrer casa ela trazia. Era uma alegria. Era bem pretinha. A gente olhava assim no ônibus ela em pé. Para nós era uma alegria. Dai ela falava que daquele jeito ela tinha paz para escrever. Quando ela vinha com comida para casa, ai como ela falava *tinha tranquilidade mental para poder escrever*.

Então era deitada debaixo das árvores e ali ela escrevia. Ai era onde viam os romances os provérbios, os poemas, peças teatrais, novelas. Tudo ela escrevia. Ela escrevia de tudo. Segundo o Audálio pessoas duvidavam que ele havia escrito tudo aquilo, mas ele disse que era impossível ele escrever o quarto do despejo com todos aqueles erros. Porque ele era um homem culto, e era muito complicado você retroceder.

A minha mãe era espírita. Toda cidade de sacramento era espírita. Então eu fui uma menina assustada. Criada assim com medo de morto absurdo. Ela falava fulano morreu e veio falar comigo. Eu tinha medo, então eu dormi com a minha mãe até ser moça. Minha mãe escrevia noite inteira. Passava a noite inteira escrevendo sem luz. Ela punha vela no sítio, e punha vela em cima do meu pé.. e falava: -Você não se mexa porque eu vou escrever. Se você se mexer, você vai dormir sozinha. Eu tinha medo, eu não me mexia. E ficava ouvindo o barulhinho da caneta a noite toda

Então eu tenho certeza, ela escrevia a noite inteira. Então minha mãe escrevia assim, ela estava andando na rua e vinha um poema. Ela já escrevia o poema. Como eu falei quando ela tinha aquela paz interior. A vida dela foi escrever. Eu me lembro, a vida inteira dela foi escrevendo.

Naquela fome que a gente passava diferente, mas era uma espécie de fome. Gente doente não tinha condições de comprar remédios, nada. Na Juventude começamos a trabalhar.

Carreira

O pessoal sempre pergunta por que você é professora? Na realidade pela convivência com minha mãe, eu me sobressaia muito em português. Eu acredito que isso se deve ao fato de que minha mãe falava muito bem. Minha mãe xingava a gente em casa, a gente não entendia o que ela falava. Falava muito palavras cultas.

Minhas redações eu colocava o que eu escutava em casa. Então, minhas redações eram sempre cheias de palavras cultas. Antigamente no Jornal da Folha tinha um espaço para a exibição das melhores redações, eu sempre ganhava.

A minha mãe sempre teve o interesse em aprender. Ela escrevia farmácia com ph. Mas ela também escrevia coisas como nós vai, nos vem.. Então ela sempre quis apreender concordância verbal, conjugação.

Então com dez anos eu comecei a ensinar minha mãe. Eu costumo dizer que minha primeira aluna foi minha mãe. Comecei a corrigir os livros dela e meu irmão datilografava. Então ela começou a escrever melhor.

O Quarto do despejo: diário de uma favelada tem bastante erro. Já o Pedacos da fome está melhor escrito. Querem publicar novamente o Pedacos da fome, mas gostaria que fosse publicado com o nome que ela escolheu: Felizarda. Eu quero no prefácio desse livro acrescentar que este está melhor escrito por causa das minhas correções ao lado dela. Nos manuscritos originais você pode observar minha letra.

Depois da primeira publicação minha mãe conheceu muitos outros escritores como Clarice Lispector e Jorge Amado. Com Clarice diferentemente do que foi dito, que minha mãe era apenas uma empregada para Clarice, ela dizia que minha mãe era uma grande escritora porque ela escrevia a realidade. Me lembro do Jorge Amado haver tratado minha mãe com desprezo possivelmente por ciúmes, e isso ela nunca esqueceu.

Escritos de Carolina

Um dos grandes problemas de Carolina era por exemplo que ela poderia estar escrevendo aqui, se você chegasse e dissesse que

lindo, ela te daria a obra. Nisso tem algumas obras em posse de pessoas no Paraná e outros locais que não querem me entregar. Os escritos que eu confiei ao museu em Sacramento que estão abandonados também não querem entregar.

Em uma palestra uma moça se levantou e disse: *-Essas pessoas tem obrigação de te entregar porque eram de sua mãe. Não existe isso de você querer advogado, eles devem te entregar.*

Mas na realidade eu não quero os escritos de minha mãe para deixar dentro do quarto, para mim. Não tenho nem fotos. Porque eu acho mais vantajoso para outras pessoas manusearem um livro dela, uma foto dela, uma revista dela do que está preso em um quarto.

Um verdadeiro absurdo é o acervo do Audálio Dantas. Quem me falou foram algumas pessoas Museu Afro que na época de inauguração do museu fizeram um estander para minha mãe. Carolina foi a primeira a entrar naquele museu. Eu mesma doei várias coisas minhas. Eles me perguntaram quem teria mais coisas, eu disse possivelmente o Audálio Dantas.

Eles procuraram o Audálio, ele nos últimos momentos de sua vida Audálio estava muito bom, e

disse que o pessoal poderia catar o que eles quisessem. Dez minutos depois o Audálio disse:

-Acabou. Eu sabia que o Audálio faria aquilo.

Tempos depois o Audálio pediu as coisas novamente. O Audálio como um jornalista renomado não aceitou que o museu não tivesse colocado os créditos da doação. Isso foi um dilema para ele. Eu mesma pedi que ele não tirasse.

No museu você encontra as fotos, os pertences de Carolina. Tem também minhas coisas lá. Acho que está no lugar certo, no museu Afro. Meus alunos podem acessar lá. Tem uma entrevista minha lá. Lá eles preservam o acervo.

Eu pedi ao Audálio que desse o restante do Acervo. Ele concordou, porém a família dela na última hora não deixou. Acabou que nem para mim, nem para ele, nem para a esposa. Agora para os filhos deles. O Instituto Carolina vai tentar depois negociar este material.

Eu fui em uma palestra de um debate entre mim e o Audálio, eu lendo que eu comia do lixo em lembranças vagas, eu vi quando ele retirou uma foto minha de uns quatro anos de idade com um pão podre na boca. Ele me chama, eu olho para ele e ele tira foto de mim com o pão podre na boca. O pão está completamente podre. Eu pedi

para ele falou que ia me dar, mas não me deram. Nem eu vi direito a foto naquele dia.

Entre Carolina e Eunice

O pessoal diz que eu tenho muito dela. O pessoal acha eu meio marrenta igual ela. Mas não é que a gente é marrenta. São as coisas que vão acontecendo e você vai mudando. O problema é como as pessoas chegam. Tem que saber chegar. Algumas pessoas prometem coisas que no decorrer do tempo não cumprem.

Audálio Dantas eu não sei se ele pegou dinheiro da minha mãe, ou não pegou. Eu também não tenho como saber, eu falava para ele que minha mãe confiou muito nele.

Minha madrinha era secretária do governo, e ela falou para mim: _Vera eu quis publicar o livro da sua mãe e ela não me deu. Ela confiou no Audálio Dantas.

Agora o que teve entre eles é difícil saber. Minha mãe era uma pessoa muito introspectiva. Ela podia falar muito, ou ela podia não falar nada. Ela podia estar conversando com você aqui, ou ela podia deixar você e sair embora. Ou ela também poderia falar tudo para você numa boa. Quem é que ia entender Carolina Maria de Jesus.

Mas eu acho que nesse centenário dela agora ela está bem reconhecida internacionalmente. E aqui também, nome de escola, nome de rua, teatro, academia, filmes.. Quantas querem ser a Carolina? A Gal, a Zezé Mota, querem interpretar a Carolina. Então, né muitas Carolinas?

Morreu a Tulla, uma escrita negra, mãe solteira de três filhos, empregada doméstica; eu achava a história dela muito parecida com a da minha mãe. Detalhe, ambas morreram de insuficiência respiratória. Nossa até nisso elas se pareciam. Mas, existem muitas Carolinas.

Falecimento de Carolina

Depois ela ficou muito doente. A gente chamou o Audálio. Ele me disse, que se arrependeu muito de deixar minha mãe. Ele falou que ele deveria ter tido mais paciência. Nós sabíamos que minha mãe era difícil. Eu falei para ele deixar minha mãe com adolescentes na situação que ela ficou. No começo eu não podia ver a cara do homem, depois tivemos uma conversa, pela história o pessoal falava: -tenta amizade com ele. Ele queria conversar comigo, eu não queria. Até que eu cedi, e falei para conversamos, ele me disse que falasse tudo que eu pensava dele. Na ocasião eu lavei a alma. E fui falando.

E ele foi dizendo que agiu errado, que se arrependi disso, daquilo. Então foi uma conversa até boa.

Eu já casada já, com meu filho. Ela estava feliz quando meu filho nasceu, era um menino.

Em 1977 ela faleceu. Mas foi assim uma coisa muito de repente. Ela tinha doença de chagas. Nos saímos esse dia, o meu irmão mais velho já estava muito doente. Então nos fomos visitá-los.

Ai no Domingo meu irmão falou a mãe morreu. Não acreditei que ela tivesse morrido. Porque ele que era o doente. Achei que foi uma teimosia dela, porque se ela estava passando mal ela tinha que ir para o médico e não ir para onde ela foi. Ela morreu lá no cipó na casa do meu irmão. Na quinta eu estive com ela, e ela estava bem.

Eu não tive dinheiro para fazer o enterro. Uma vizinha me chamou e falou, eu vou pagar o enterro. E você me paga quando puder. Dai, ela emprestou o dinheiro e fizemos o enterro. Mas não comprou flores porque eu também não tinha. Quando nós chegamos no cipó onde ela está enterrada, a cidade é do interior, tinha muita gente na rua. Os sinos estavam tocando.

Durante a missa o padre disse: -Que quem tivesse flores traga para Carolina Maria de Jesus. Mas quem não tiver pode tirar do jardim. Daí todo mundo foi e tiro do jardim. Tinha muita criança do lado dela no caixão. Inclusive um menino que estava do lado do caixão o tempo todo está hoje enterrado do lado dela. O túmulo foi doado.

No dia seguinte eu recebi uma carta. Me disseram que ela havia escrito uma carta. Em que ela pedia que eu tomasse conta do meu irmão, porque ele já não estava bem, que era para eu nunca vender o sítio. Que leva o nome dela. Que eu fizesse o túmulo dela com livros. Eu coloquei no túmulo dela livros com o nome dela. Que eu perpetuasse o nome dela. Não deixasse ela morrer na literatura.

Certo dia retornei ao cemitério do Cipo e todas as placas de identificações haviam sido retiradas menos a da minha mãe. Tempos depois a da minha mãe também havia sido removida. Na terceira vez que voltei ela estava lá de nov. Eu pude perceber com isso, que eles devem algum apreço a memória da minha mãe.

O presente

Essa meninada hoje está muito interessada na história da minha mãe. Por isso, recuperar o acervo de minha mãe é uma briga minha. Morena Sales falou para mim nós vamos fazer um faxilami, vocês me

dão tudo que eu coloco em um cofre. Mostrou o cofre climatizado, iam fazer um museu. Mas o secretário da cultura não quer.

Algumas escolas privadas em São Paulo tem me chamado para palestrar aos seus estudantes para que eles se inteiram de outras realidades. Durante uma palestra no Senac conheci um representante da Fundação Casa, e me comprometi a palestrar lá. Como a realidade desses meninos diferem uma da outra.

Eu tenho interesse em reescrever os livros da minha mãe. Mas o secretário da cultura disse que antes quer digitalizar. Quando eu fui buscar já não me dá mais. Minha filha reclamou pela forma como ele trata os manuscritos de maneira indevida. O que eu percebo nessas pessoas que portam os manuscritos é que eles têm um sentimento de posse. Nem eu que sou filho, que poderia estar com esse sentimento de posse, tenho.

O meu objetivo agora é editar os manuscritos que estão em Sacramento. Esse é o legado da minha mãe que nós propagar as ideias dela. Em Sacramento existem manuscritos que são inéditos. Que você lê as primeiras linhas e você já se encanta. Eu nem posso falar muito porque sou filha, mas são lindos. Existem textos que eu nunca li.

Existem poemas, provérbios, poesias, músicas, muita coisa para quem teve recebido apenas um ano e meio de formação